

Cady e Mari

A . C . M E Y E R

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2016



“Estranho seria se eu não
me apaixonasse por você...”

Nando Reis



Este livro é dedicado à Mari que existe dentro de cada uma de nós. Nunca se esqueçam de que vocês são lindos, leitoras e leitores queridos, não importa a cor da pele, o cabelo ou o tipo de corpo. Tenham sempre orgulho de quem são, pois vocês são muito especiais!

01.	De janeiro a janeiro – Nando Reis	11
02.	Mari Mariana – Victor e Léo	16
03.	Corpicho – Maria Rita	20
04.	Equalize – Pitty	25
05.	Epitáfio – Titãs	31
06.	Não me deixe só – Vanessa da Mata	37
07.	Pra você, guardei o amor – Nando Reis	42
08.	Não vá embora – Marisa Monte	50
09.	Palavras de um futuro bom – Jota Quest	58
10.	Me adora – Pitty	68
11.	Por onde andei – Nando Reis	77
12.	Velha e louca – Mallu Magalhães	81
13.	Primavera – Los Hermanos	86
14.	Um certo alguém – Lulu Santos	96
15.	Noite do prazer – Cláudio Zoli	99
16.	Pode ser – Pedro Mariano	110
17.	Encostar na tua – Ana Carolina	119

PLAYLIST



18.	Bem que se quis – Marisa Monte	127
19.	Magic – Coldplay	138
20.	As dores do mundo – Jota Quest	150
21.	Enquanto ela não chegar – Frejat	164
22.	Só tinha de ser com você – Elis Regina	170
23.	No seu lugar – Kid Abelha	178
24.	Simplesmente – Bebel Gilberto	188
25.	Só você – Fábio Jr.	198
26.	Eu nunca estive tão apaixonado – Fábio Jr.	205
27.	Desde que o samba é samba – Diogo Nogueira	213
28.	Soneto do teu corpo – Leoni	222
29.	Por enquanto – Cássia Eller	233
30.	Você não me ensinou a te esquecer – Caetano Veloso	243
31.	Hoje a noite não tem luar – Legião Urbana	247
32.	Por enquanto – Legião Urbana	254
33.	Quem te viu, quem te vê – Chico Buarque	259
34.	Eu sei que vou te amar – Tom Jobim	269



DE JANEIRO A JANEIRO

Nando Reis

Mari

Triiiiiiiiiiiii! Triiiiiiiiiiiii!

Ah, droga! Eu me reviro na cama e silêncio o alarme do celular enquanto tento acordar. Odeio acordar cedo. Levantar é tão difícil que tenho oito — sim, OITO — alarmes programados, um a cada 15 minutos pela manhã, só para conseguir sair da cama no horário e não chegar atrasada ao trabalho.

Levanto devagar, me espreguiçando, e vou até o banheiro para tomar um belo banho quente e me preparar para mais um dia na *Be*, uma das revistas de moda mais conceituadas do país.

Sou assistente do presidente da empresa, Carlos Eduardo Moraes, há quase três anos. É um trabalho desafiador e cansativo, que exige criatividade e comprometimento da minha parte. Tenho hora para chegar, mas não para sair. Em compensação, aprendo muito e consigo colocar em prática muita coisa que estudei na faculdade de administração.

A *Be* é um ótimo lugar para se trabalhar. Tenho um excelente salário, muitos benefícios, e pude fazer um MBA numa conceituada universidade – tudo pago pela empresa. Adoro o meu trabalho, apesar de algumas coisas me incomodarem – principalmente, a forma como a maioria das pessoas me trata.

Talvez seja injusto dizer *a maioria das pessoas...* boa parte dos meus colegas de trabalho é legal. Meu problema é com as modelos, seus empresários e as pessoas ligadas a elas. Apesar de gentil com todos, sou muito diferente da maior parte das pessoas que trabalham no meio.

Saio do banho e volto para me vestir no quarto. Paro em frente ao espelho e observo, por alguns instantes, meus longos cabelos castanhos, rosto “comum” e o corpo que não se encaixa nos padrões de beleza que vejo diariamente ou que são impostos pela sociedade.

Dá pra entender por que sou diferente? Pois é, mas isso não me deprime, muito pelo contrário. A Laís, minha melhor amiga, diz que sou como uma das mulheres de uma propaganda que a agência de publicidade em que ela trabalha havia criado e recebido vários prêmios: *a mulher de verdade*. A típica brasileira com corpo violão, um pouco mais avantajado. Aquela que, em vez de 36, veste 44.

Balanço a cabeça, afastando esses pensamentos que não levam a lugar algum e me concentro em me arrumar e não chegar atrasada. Meu chefe é ótimo, mas detesta atrasos. E nem pensar em alterar seu ritual da manhã.

Ligo o som e a voz melodiosa de Nando Reis invade o quarto. Enquanto canto os versos da música *De janeiro a janeiro*, visto uma saia lápis preta, que valoriza o meu corpo, com uma camisa branca de seda com manga curtinha.

Calço um *scarpin* nude e complemento o visual com um brinco bonito e um bracelete. Se tem algo de que me orgulho, é do meu estilo. Não sou uma das magrelas da revista, mas estou sempre arrumada e elegante, pronta para qualquer situação.

Aplico rapidamente a maquiagem, e o celular toca. O rosto divertido da minha amiga aparece no visor.

— Oi!

— Bom dia, Mari! Já estou aqui embaixo. A van não vai nos esperar! — Ela me apressa, como faz diariamente. Abro um sorriso, pegando o blazer e a bolsa.

— Estou descendo! — Moramos no bairro do Méier, na zona norte carioca. Nós duas trabalhamos na zona sul da cidade e demos sorte de conseguir uma van que fazia o trajeto do Méier até o Leblon, algo raro. Laís descia antes de mim, na porta da agência *Prime*, em Botafogo, enquanto eu seguia até Ipanema, onde ficava o luxuoso escritório, à beira-mar, da *Be*.

Pego o elevador, ainda ajeitando a roupa e, ao chegar no térreo, vejo Laís conversando com um dos meus vizinhos, o Márcio. Gatinho, 25 anos, dono de uma loja de roupas masculinas no shopping. E *supergalinha*.

— Olha quem apareceu, a linda Mariana — diz ele, sorrindo, com seu jeito de galã. Apesar de arrancar suspiros, nós sabemos que ele não é o tipo de cara certo para nos envolvermos. Garantia de coração partido.

— Oi, Márcio, bom dia! Vamos, Laís? Estamos em cima da hora — falo apressada e nos despedimos dele, indo para o ponto, que ficava a alguns metros de casa.

— Ai, Mari, ele é um gatinho!

— Eu sei, mas não é para o nosso bico. Vamos! Circulando! — brinco enquanto ela ri.

Laís é minha amiga de infância. Crescemos na mesma vila, frequentamos as mesmas escolas e nossas mães são amigas até hoje. Quando decidimos sair da casa dos nossos pais, aos 22 anos, nada mais natural do que morarmos perto uma da outra. Somos tão amigas que, com um simples olhar, sabemos o que a outra está pensando. Eu sei tudo sobre ela e ela, sobre mim.

Ou *quase* tudo.

— E aquele seu chefe gato, hein? Ainda está saindo com a Barbie Fashionista? — pergunta ela, e não posso deixar de rir.

Lembram quando falei do *quase* tudo? O que a Laís não sabe é que meus quatro pneus estão arriados pelo meu “chefe gato”. Eu sei, não precisa me olhar assim. Tenho total consciência de que o Carlos Eduardo não é para mim. Ele costuma sair com as *Barbies* da vida e eu não sou uma delas. Mas babar pelo cara não é proibido, né?

— Não, agora ele está pegando uma sócia siliconada da Gisele Bündchen — respondo, rindo.

Apesar da atração que sinto por ele — quando vocês o conhecerem, vão babar como eu —, sigo a minha vida sem qualquer esperança. Ele é um cara lindo, só sai com modelos e sempre me veria como sua assistente.

A van chega e seguimos para o trabalho, conversando. Somos o mesmo grupo fazendo aquele percurso todos os dias, há três anos, então, o caminho é sempre animado. Isso é essencial para que eu consiga chegar bem-disposta ao trabalho depois de acordar tão cedo.

Em Botafogo, Laís me abraça e me beija.

— Entra no *Messenger* quando chegar! — pede e dá tchau. A gente se fala diariamente enquanto trabalha. Nunca deixamos de fazer nossas obrigações, mas o papo é parte do nosso dia.

Cerca de 20 minutos depois, chegamos à Avenida Vieira Souto, uma das ruas mais valorizadas da cidade e onde fica o escritório da *Be*.

— Pronto, Marizinha. Está entregue! — diz Ruan, o motorista, e sorri. Deço em frente ao prédio, respiro a maresia e me preparo para deixar de ser Mari, a garota comum, e virar Mariana Costa, a competente assistente de Carlos Eduardo.



MARI MARIANA

Victor e Léo

Cadu

Hoje vai ser um dia daqueles.

Três reuniões e uma delas é com a equipe para falar da prévia da revista do próximo mês, que está uma droga. Páginas e mais páginas prontas para ir direto para o lixo. Eu sabia que precisava procurar um novo editor, mas estava adiando esse momento. Renée estava conosco há muito tempo e tinha certeza de que a demissão seria um baque para ela.

Saio do carro, que está estacionado na garagem do prédio onde fica o escritório da *Be*, a revista de moda que “herdei” do meu pai como castigo pela minha “adolescência louca” (como ele costumava dizer), em vez de uma das publicações mais “sérias” do grupo, como era de se esperar, mas que hoje era a minha vida.

Visto o paletó antes de entrar no elevador. Observo o reflexo no espelho e fico satisfeito com a minha aparência. O terno feito sob medida e a gravata de seda pura são a imagem de um empresário de sucesso.

Enquanto espero que o elevador vazio me leve até o décimo segundo andar, confiro as horas no relógio e sorrio ao pensar que a Mariana, minha supercompetente assistente, vai preparar o meu café e o levará à minha sala exatamente três minutos após a minha chegada.

Ela trabalha comigo há três anos e é excelente. Tem ideias criativas e é um sopro de realidade no mundo “plástico” em que vivemos. *Caramba, estou poético hoje*, penso comigo mesmo. Temos um bom relacionamento profissional e tenho a sorte de contar com alguém que, além de tudo, atura meus momentos de mau humor e mantém minha rotina em ordem.

O elevador para no meu andar e eu respiro fundo, me preparando para deixar de ser Cadu, apaixonado por praia e música, e virar Carlos Eduardo Moraes, diretor de redação de uma das maiores revistas do país. Sigo até a entrada e a recepcionista abre um sorriso enorme ao me ver. A menina é bonita, mas tem o cérebro do tamanho de uma noz.

— Bom dia, Sr. Carlos Eduardo. — Ela me cumprimenta; sorrio e balanço a cabeça. Vou em direção à minha sala, respondendo aos cumprimentos da equipe. Na metade do caminho até a área da diretoria, meu cérebro já entrou no modo de trabalho e vou seguindo pelo corredor, pensando nas coisas que Mariana precisa providenciar para as reuniões de hoje. Vou aproveitar e pedir que ela faça um levantamento dos editores da concorrência. Quem sabe consigo trazer um bom para cá?

Entro na sala e a visão que tenho me desestabiliza completamente. Mariana está abaixada perto da mesa, de costas para a porta, pegando uma pilha de papéis que caiu no chão. Ela resmunga, reclamando que a papelada pareciam ter vida própria, mas meus olhos estão vidrados naquelas pernas incríveis e no corpo que eu

nunca havia notado antes. Caramba, onde ela escondeu aquilo tudo? Ela se levanta de repente, e, quando se vira, está corada. Os cabelos, que normalmente ficam presos, estão soltos, deixando-a com uma aparência, no mínimo, sedutora.

— Ai, Carlos Eduardo, desculpe. Não percebi que você tinha chegado. Eu estava separando esses documentos e caiu tudo no chão. — Ela se desculpa, atrapalhada. Não consigo segurar o sorriso ao vê-la tão desconcertada. Mariana era o exemplo da perfeição e vê-la assim tornava-a quase... humana!

— Tudo bem, Mariana. Devo esperar que meu café chegue tranquilamente ou corro o risco de levar um banho quente? — Não resisto e brinco com ela.

Ela me olha surpresa. Nós nos entendemos bem, mas não temos o costume de brincar um com o outro. Sou um cara brincalhão, divertido, mas não no trabalho. Não sei o que aconteceu comigo, só que o comentário pareceu... certo. Ela abre um sorriso tímido e, cara, não sei o que acontece naquele momento, mas sinto o mesmo que senti quando Rodrigo me deu um soco no estômago no último treino de jiu-jitsu. Foi inesperado. Ele errou o golpe e me atingiu, me deixando sem ar, exatamente como eu me sentia agora.

— Não. — O sorriso é acompanhado de bochechas coradas. *Quem ainda cora nos dias de hoje?* — Prometo que vou entregar seu café em segurança — responde ela, ainda sorrindo. Então coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e meu olhar segue o movimento. Ela cora novamente com a atenção, e eu balanço a cabeça na tentativa de sair do transe no qual estou preso.

— Obrigado, Mariana. Estarei em minha sala. Não se apresse para trazer o café — digo e sigo para a minha sala, tentando entender o que estava acontecendo comigo. Fecho a porta e vou direto

para a janela, torcendo para que a bela vista do mar de Ipanema consiga apagar aquela imagem sedutora e acalme meu corpo.

Tenho uma reunião com investidores em meia-hora e não será nada bom demonstrar o que estava sentindo pela minha surpreendente assistente.